As coisas velhas se passaram

Nesse momento, uma concierge muito bem vestida, com um lindo boné com fita rosa, apareceu, me encarou por um tempo e perguntou se eu desejava alguma coisa.

Eu não podia falar.

‘‘O cavalheiro está chateado? Esse calor! Talvez o Senhor não fale francês?’’

Quando eu consegui dizer algo, após um tempo em silêncio, por causa da timidez, expliquei a ela que já havia morado ali em uma casa modesta com vista para a rua, entretanto, ela foi substituída por essa morada muito mais palaciana.

“Oh, sim, senhor – nós varremos tudo!”, ela respondeu.

“Varremos!” Que expressão é essa que ouço!

E ela explicou como as mudanças haviam ocorrido e quão valiosa a propriedade se tornou. Ela me mostrou uma pequena parte do jardim; era uma fração do que havia sobrado do antigo jardim, e onde a velha macieira ainda poderia estar, mas que fora serrada. Eu vi o toco de madeira; que poderia se tornar uma mesa rústica.

A velha macieira

Atualmente, olhando por cima de um novo muro, vi outro pequeno jardim, e nele as ruínas do antigo galpão, onde encontrei o carrinho de mão de brinquedo – que logo desapareceria, pois estavam construindo ali, também.

Depois eu perguntei sobre todas as pessoas em que conseguia lembra, começando por aquelas de menor interesse – o açougueiro, o padeiro, o fabricante de velas.

Alguns haviam morrido; alguns se aposentaram e deixaram seu “comércio” para seus filhos e genros. Três diferentes diretores tinham passado pela escola desde que eu havia saído. Graças a Deus, ainda havia a escola – bem modificada, é verdade. Eu havia esquecido de procurar por ela.

Ela não tinha nenhuma lembrança do meu nome, nem dos Seraskiers – perguntei, com o coração palpitante. Não deixamos vestígios. Doze curtos anos apagaram de toda a nossa memória! Porém, ela disse que um cavalheiro, bem-apanhado, mais já na avançada velhice, morava em uma

casa de repouso na Chaussée de la Muette[1], nas proximidades, e que seu nome era Major Duquesnois; e lá fui eu, após um gratificante e caloroso agradecimento a ela.

Perguntei sobre o Major Duquesnois e me disseram que ele havia saído para passear, mas logo o encontrei; aparentava bem velho e arcado para frente, e se apoiava no braço de uma Irmã de Caridade. Fiquei tão emocionado que tive que passar por ele duas ou três vezes antes de puxar uma conversa. Ele era tão pequeno – tão pateticamente pequeno!

M. Le Major

Demorou algum tempo até que eu pudesse fazê-lo lembrar de mim – Gogo Pasquier!

[1] N.T.: nome de uma estrada em Paris.

“Ha, ha! Gogo – pequeno bom Gogo! - Sim - sim – o exercício? Sentido ... armas! Armas ... braços? E Mimsé? Boa e pequena Mimsé! Sempre com dor de cabeça?”

Ele conseguiu se lembrar de Madame Seraskier; e repetiu o nome dela várias vezes e disse: “Ah, ela era muito bonita, Madame Seraskier!”

Nos velhos tempos dos contos de fadas, ele havia combinado que, quando ele se cansasse e eu ainda insistisse que ele continuasse, durante o decorrer da história, ele de repente introduziria a palavra “Cric” e eu falharia imediatamente em responder “Crac”, a história seria adiada até nossa próxima caminhada (a ser combinada!) e ele era tão engenhoso na maneira como introduziu a terrível palavra que muitas vezes caia na armadilha, e tive que renunciar a minha alegria por aquela tarde.